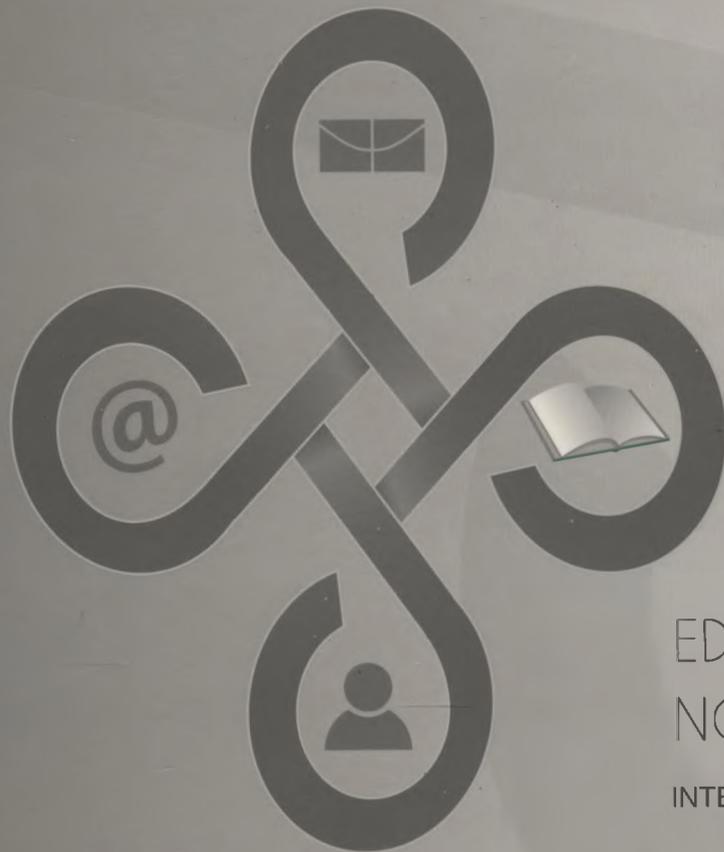


Maria Lidia Bueno Fernandes (Org.)



EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA NO ENSINO SUPERIOR:

INTERLOCUÇÃO, INTERAÇÃO E REFLEXÃO
SOBRE A UAB NA UNB

8.432

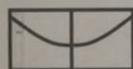
N. Cham.: 37.018.432 E24dc

Título: Educação a distância no ensino superior
: interlocução, interação e reflexão sobre a
UAB na UnB.



10441108

Ac. 1024807

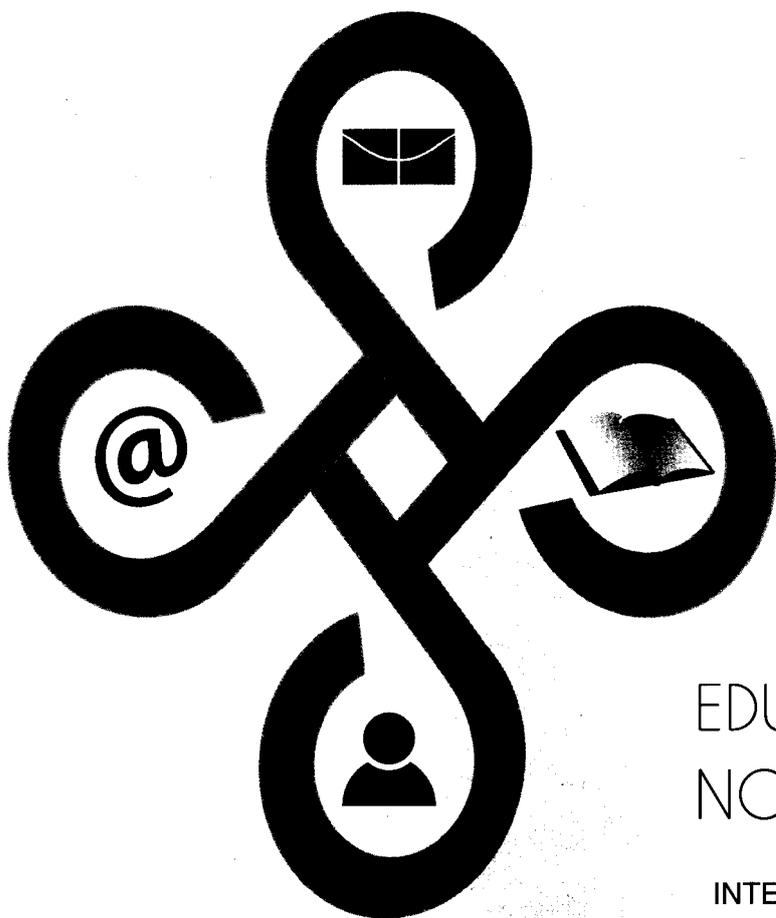


UnB



50 1962
2012

Maria Lidia Bueno Fernandes (Org.)



EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA NO ENSINO SUPERIOR:

INTERLOCUÇÃO, INTERAÇÃO E REFLEXÃO
SOBRE A UAB NA UNB

EDITORA

UnB

 UnB

 50 ¹⁹⁶² ₂₀₁₂

**Reitor**

José Geraldo de Sousa Junior

Vice-Reitor

João Batista de Sousa

Decanato de Ensino de Graduação

José Américo Soares Garcia

Diretoria Técnica de Graduação

Sérgio Antônio Andrade de Freitas

Diretoria de Ensino de Graduação a Distância e**Gestão da Informação**

Iran Junqueira de Castro

Coordenação Operacional de Ensino de Graduação a Distância**Coordenação Institucional do Programa****Universidade Aberta do Brasil**

Maria Lídia Bueno Fernandes

Rui Seimetz - Coordenação Adjunta

EDITORA**UnB****Diretora**

Lúcia Helena Cavasin Zabotto Pulino

Maria Lidia Bueno Fernandes (Org.)

EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA NO ENSINO SUPERIOR:

INTERLOCUÇÃO, INTERAÇÃO E REFLEXÃO
SOBRE A UAB NA UNB



UnB



50¹⁹⁶²
2012

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB

Decanato de Ensino de Graduação
Campus Universitário Darcy Ribeiro – Prédio da
Reitoria – Térreo
CEP: 70910-900 Asa Norte – Brasília – DF, Brasil
Tel.: (61) 3368-4027 Fax: (61)3349-3730
Home page: www.unb.br

EDITORA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

SCS, quadra 2, bloco C, nº 78, edifício OK,
2º andar, CEP 70302-907, Brasília, DF
Telefone: (61) 3035-4200
Fax (61) 3035-4230
Site: www.editora.unb.br
E mail: contato@editora.unb.br

EQUIPE EDITORIAL**Editora de publicações**

Nathalie Letouzé Moreira

Coordenação de produção gráfica

Marcus Polo Rocha Duarte

Revisão

Lara Litvin Villas Bôas

Ramiro Galas Pedrosa

Supervisão gráfica

Elmano Rodrigues Pinheiro e Luiz A. R. Ribeiro

Capa e Diagramação

Sanny Saraiva

Impresso no Brasil

Direitos exclusivos para esta edição: Editora Universidade de Brasília

Copyright © 2012 by Editora Universidade de Brasília. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.

Ficha catalográfica

E24 Educação à distância no ensino superior : interlocução, interação e reflexão sobre a UAB na UnB / Maria Lídia Bueno Fernandes (Org.). _ Brasília : Editora Universidade de Brasília, 2012.

230 p. ; 23 cm.

ISBN 978-85-230-1057-7

1. Educação à distância. 2. Avaliação institucional. Avaliação de disciplina. 4. Polos de apoio presencial. 5. Tutoria. 5. Formação de autores em EaD. I. Fernandes, Maria Lídia Bueno (org.)

CDU 37.018.432

SUMÁRIO

GESTÃO

EaD na UnB: os desafios da gestão para construção de um projeto de EaD no ensino superior – questões teórico-metodológicas19

Maria Lídia Bueno Fernandes
Diva Albuquerque Maciel
Cristina Madeira Coelho
Ana Lúcia de Abreu Gomes
Germana Menezes da Nóbrega

Perspectivas de aplicação do princípio da proveniência na Coordenação de Documentação e Memória Institucional da UAB/UnB.....51

Tânia Maria de Moura Pereira
Ana Lúcia de Abreu Gomes
Fernanda de Oliveira Cândido
Marcus Vinícius Gonçalves Silva

PAPÉIS DO PROFESSOR TUTOR

Professor em ambientes virtuais de aprendizagem: dialogando sobre a tutoria na modalidade de EaD.....67

Suely Scherer

AValiação

Avaliação institucional e da aprendizagem em educação a distância: cenários convergentes para a educação conectada93

Maria Elizabeth Bianconcini de Almeida

Educação a distância e avaliação na UnB113

Silene P. Lozzi

A Universidade Aberta do Brasil na Universidade de Brasília: análise de indicadores de avaliação e acompanhamento dos cursos121

Girleene Ribeiro de Jesus
Jaíne Gonçalves Araújo

A pesquisa avaliativa como estratégia de avaliação institucional em EaD: a experiência da graduação em Pedagogia137

Elizabeth Danziato Rego

POLOS

Refletindo os cenários convergentes e conectados para a EaD161

Laura Maria Coutinho

TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

TIC na educação: buscando soluções técnicas práticas.....171

Carlos Alberto Gonçalves

Análise ergonômica do trabalho na atividade de educação a distância UAB/UnB187

Sergio Luis dos Santos-Lima

POLOS

Refletindo os cenários convergentes e conectados para a EaD

Laura Maria Coutinho

Profª. da Faculdade de Educação da UnB

As universidades que atuam como meras guardiãs do saber tradicional somente podem sobreviver enquanto suas sociedades se mantêm estáticas. Entretanto, quando estas começam a mudar, a universidade também se vê desafiada a alterar suas formas para servir às novas forças sociais. Quando não o faz, provoca o florescimento do novo saber fora dos seus muros e acaba sendo assaltada e transfigurada pelos mais capazes de expressá-lo.

Darcy Ribeiro (1969, p. 169)

Sempre que somos chamados a discutir os rumos da universidade, especialmente os da Universidade de Brasília-UnB, quanto aos novos desafios de ensino, pesquisa e extensão, julgo importante remeter-nos a um momento privilegiado que aconteceu em junho de 1994, quando tivemos, na Faculdade de Educação da UnB, a oportunidade de discutir com o cientista, matemático e educador Ubiratan D'Ambrósio em uma palestra gravada em vídeo intitulada *Rumo a uma nova cultura acadêmica*, sobre os desafios que nos trazem os momentos de grandes transformações. Sobretudo em instituições acadêmicas.

Nossa tradição acadêmica, segundo D'Ambrósio, tem início há aproximadamente 5 mil anos, na região do mediterrâneo onde estavam as civilizações que estão na base do tipo de conhecimento que é hoje o conhecimento dominante, o Egito, a Babilônia, a Grécia, Roma. Nesse mundo, sobretudo

no mundo grego, as academias eram escolas de pensamento, lugares onde aconteciam momentos semelhantes aos nossos seminários, aulas, discussões. Com os romanos, as academias perdem um pouco a sua importância e os debates passam a ocorrer nas basílicas, onde variados assuntos de interesse geral eram tratados. O passo seguinte são os mosteiros, que são espaços desenvolvidos para criar e estruturar novos conhecimentos que surgiram com o advento do cristianismo que tem lugar no mundo romano. Nesse contexto, São Bento cria o que seriam as regras dos mosteiros, que são muito parecidas com os estatutos e os regulamentos das nossas modernas universidades. Os mosteiros têm ainda a característica de serem muito fechados, secretos e inacessíveis ao povo. Para permitir a troca de conhecimentos, já que o pessoal dos mosteiros tinha interesse nos conhecimentos que eram gerados fora deles, foram criados espaços de discussão, as universidades, na Europa, na virada do primeiro milênio: em Salamanca, Oxford, Cambridge, Montpellier e Bologna.

Essas universidades desenvolvem-se e recebem a missão de credenciar certos indivíduos para o exercício de determinadas profissões, e, ao lado das universidades, são constituídas novas estruturas mais ágeis, os institutos especializados. As novas academias, os institutos e as universidades procuram difundir o conhecimento para o povo. Como isso se dava? Por meio das discussões, das mídias disponíveis, dos papéis colados nos muros, folhetins, jornais. Assim como os monges saíram dos mosteiros para conversar com os hereges em espaços laicos, é preciso que hoje a universidade saia dos seus espaços para que um novo conhecimento possa surgir. E, se ela não o fizer, poderá ter o mesmo destino dos mosteiros que hoje não detêm mais o conhecimento e são em número muito reduzido.

Mais do que nunca, a universidade precisa abrir-se para o novo, não apenas para a produção de novos conhecimentos necessários à humanidade, mas também para a construção de outros processos e espaços de construção, validação e difusão de conhecimentos. Sobre essas mudanças já nos falava também Darcy Ribeiro, que coordenou o processo de criação da UnB sob a égide

das transformações sociais necessárias à autonomia e à construção do saber no contexto nacional em meados do século XX. Hoje, a UnB está completando seus 50 anos de criação. Há muita história para se contar, narrar, aprender, ensinar. Cada um dos que por aqui passou pode contar uma história e assim seria possível entender de forma mais detalhada a importância de uma instituição como essa para a vida de cada um e para a vida da sociedade que a constitui.

Assim, ao sermos desafiados, no contexto do II Simpósio de EaD – Interlocução, Interação e Reflexão, do Programa Universidade Aberta do Brasil-UAB na UnB, a pensar os polos por meio dos quais a universidade se estende e se alarga, não poderíamos deixar de trazer para o debate uma reflexão que nos remete a memórias. Memórias de utopias, pois muito do que foi anteriormente pensado para a UnB não pôde ser realizado, seja por motivos técnicos de materialização de um ideário que a sociedade não teve como assimilar e tornar concreto, seja pelos graves problemas políticos que decorreram do golpe militar que colocou todo o país em um período de obscurantismo totalitário, quando a democracia incipiente que se instalava foi totalmente dizimada a golpes de artilharia. Muito do que seria a UnB, sonhada para ser o modelo de instituição acadêmica atenta às necessidades do país, ficou para trás. Os idos de 1960 foram os anos duros da universidade, quando o *campus* foi ocupado, professores e alunos presos, a repressão foi violenta e os protestos reprimidos. Contudo, a universidade sonhada por Darcy Ribeiro e muitos dos que atenderam ao chamado para construir a universidade da nova capital parece resistir sempre. E, de tempos em tempos, ressurgem em novas possibilidades e novos formatos. Foi assim nos anos 1970 e 1980 e mesmo depois da chamada redemocratização, em meados dos anos 1980: a universidade não se furtou jamais ao debate, permitido ou não, e tem-se lançado a novos desafios.

A universidade é chamada para ocupar novos espaços. Além dos deslocamentos das atividades de ensino, pesquisa e extensão que acontecem em novos locais geograficamente separados, como os *campi* de Ceilândia, Gama e Planaltina, a universidade é chamada a ocupar os espaços virtuais em

conexões cada vez mais precisas e complexas. Pioneira na utilização dos recursos tecnológicos para educação, quando, ainda na década de 1970, foi criada a habilitação “tecnologia educacional” nos cursos de Pedagogia e Formação de Professores na Faculdade de Educação, a UnB logo iniciou os trabalhos de educação a distância, fazendo uso dos novos recursos que a internet tornava possível para a educação. Para isso, buscou parceria em muitas universidades, como a de Poitiers, na França, e a UNED, na Espanha, sempre buscando conhecimentos e métodos que pudessem permitir uma nova educação acessível a um número cada vez maior de pessoas, com qualidade e dignidade, sobretudo na formação de professores.

A partir de 2005, quando, no âmbito do Plano de Desenvolvimento da Educação, foi criada a Universidade Aberta do Brasil, a UnB passa a integrar o grupo de universidades que aderiam ao chamado Edital UAB 1. Já nesse momento, a Faculdade de Educação inicia a sua participação tendo como princípio básico que o curso de Pedagogia oferecido por meio da UAB tivesse o mesmo conteúdo praticado no seu curso presencial. Assim, além dos novos *campi*, a universidade tem-se aberto em polos da Universidade Aberta do Brasil. Um dos aspectos essenciais para uma reflexão que fundamente a prática e a presença da universidade e da Faculdade de Educação em outros locais que não os seus próprios *campi* é a compreensão de que, além dos cursos que possa ofertar, é de fundamental importância que cada um dos polos possa expressar e desenvolver uma vida universitária com atividades de ensino, pesquisa e extensão que integrem alunos dos vários cursos oferecidos, professores, técnicos e comunidade.

Para efeito do que queremos discutir, propomos uma reflexão sobre o conceito de polos, que podem ser locais que compreendem ações presenciais e que também são dotados de novos espaços virtuais os quais os novos meios de comunicação, sobretudo com a internet, configuram. Polo pode ser compreendido como cada uma das extremidades do eixo imaginário em torno do qual a Terra executa seu movimento de rotação, que tem a duração de 24 horas. Pode ser

também cada um dos pontos extremos de um corpo, de um objeto ou de um órgão oval. É também aquilo que orienta, dirige, encaminha. É um lugar, ponto oposto a outro. E pode ser ainda pessoa, ponto, área, instalação ou coisa em torno de que gravita ou onde ocorre determinada atividade importante, ou em que se centra um interesse, um grupo de pessoas, um centro. Assim, polo pressupõe uma ideia de lugar, tem necessariamente uma espacialidade. É preciso que compreendamos que vivemos uma nova concepção de espaço e de tempo.

Entre tantas modificações na forma de viver do homem pós-moderno, está o fato, cada vez mais corriqueiro, de que não precisamos mais estar no mesmo lugar físico para poder estar conectado e em comunicação com outras pessoas. Margareth Wertheim faz um estudo muito interessante sobre essas questões em seu livro *Uma história do espaço – de Dante à Internet*. Um dos temas que explora é

o modo como nossas concepções de espaço e as concepções que temos de nós mesmos estão inextricavelmente entrelaçadas. Como nós, seres humanos, estamos intrinsecamente incrustados no espaço, o que pensamos ser deve logicamente refletir em nossas concepções do esquema espacial mais amplo (WERTHEIM, 2001, p. 27).

Dessa forma, uma visão do que venha a ser a universidade pressupõe uma concepção do que seja essa nova humanidade que, hoje e cada vez mais, parece não poder mais prescindir dos recursos tecnológicos, sobretudo os de comunicação.

Os espaços virtuais que hoje estão disponíveis para a educação precisam ser compreendidos como um espaço físico para além do físico. A nova geografia que os meios constituem apresentam novos espaços, um deles são as telas dos computadores, que estão substituindo os meios impressos em muitos aspectos. Não queremos aqui abrir uma polêmica sobre o sentido dos livros para educação. Eles são fundamentais, mas não são mais os meios exclusivos que foram por muitos anos.

Essa nova configuração dos espaços virtuais sugere uma reflexão profunda sobre os efeitos psicológicos que as novas possibilidades de comunicação e educação acarretam. Como deverá se dar a nova educação que antes era restrita às salas de aula? Como aprender com um professor que pode estar a muitos quilômetros de distância? Como realizar pesquisas em locais que antes eram quase inacessíveis para o cidadão comum? Como conjugar ações presenciais que nos ajudem a estar nesse mundo virtual sem muitos traumas e problemas? Enfim, qual é o papel dos polos que integram vários lugares e pessoas em prol de um novo conhecimento e de novas formações profissionais?

São muitos os desafios e precisamos refletir sobre a totalidade do que seja a nossa universidade e não apenas os seus polos. Fredric Jameson (1997, p. 79) afirma que

a lei newtoniana governaria o reino da aparência do nosso mundo histórico e experiência vivida – uma aparência objetiva, por certo, e muito distante de ser um mero erro ou superstição – enquanto a hipótese de Einstein designa algo além do nosso alcance, que podemos reconstruir apenas ao admitir a distorção palpável de nossas próprias coordenadas.

Assim, questionando nossas coordenadas, encerro esta nossa reflexão sugerindo que precisamos repensar os nossos espaços e o que neles acontece à luz de uma melhor compreensão do que seja uma universidade *aberta, virtual, circunscrita, presente, presencial*. E o que vem a ser uma universidade que conjugue todas essas dimensões. Para isso, precisamos experimentar e ousar ser de muitas formas e pensar a partir de muitos pontos de vista. Para Walter Benjamin (1997),

a força da estrada do campo é uma se alguém anda por ela, outra se a sobrevoa de aeroplano. Quem voa vê apenas como a estrada se insinua através da paisagem, e, para ele, ela se desenrola segundo as mesmas leis que o terreno em torno. Somente quem anda pela estrada experimenta algo do seu domínio e de como, daquela mesma região que, para o que voa, é apenas a planície desenrolada, ela faz sair, a seu comando, a cada uma de suas voltas, distâncias, belvederes, clareiras, perspectivas.

Referências

BENJAMIN, Walter. *Rua de mão única*. São Paulo: Brasiliense, 1997.

D'AMBRÓSIO, Ubiratan. *Rumo a uma nova cultura acadêmica*. Palestra de Laboratório de Audiovisual, Faculdade de Educação. Brasília: UnB, 1994.

JAMESON, Fredric. *As sementes do tempo*. São Paulo: Ática, 1997.

RIBEIRO, Darcy. *A universidade necessária*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.

WERTHEIM, Margaret. *Uma história do espaço – de Dante à internet*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

Este livro foi composto em Helvetica Word 12
no formato 210x225 mm e impresso no sistema
OFF-SET sobre Papel couchê fosco 75 g/m²,
com capa em papel Couchê fosco 250 g/m²

ISBN 978-85-230-1057-7



9 788523 010577

Ministério da
Educação



UNIVERSIDADE
ABERTA DO BRASIL



Universidade de Brasília